

ENERGIA GEOTÉRMICA

Página 2

DÉCADA DIGITAL E AUTONOMIA DA EUROPA

Página 2

A AUTONOMIA ESTRATÉGICA DA EUROPA

Página 3

PROGRAMA DE TRABALHO DA COMISSÃO PARA 2022

Página 4

GLOBAL BREITANHA E EUROPA DE DEFESA

Página 4

SUGESTÕES DE LEITURA EURODEFENSE

Página 5

DESTAQUES EURODEFENSE JOVEM- PORTUGAL

Página 6



SETE PASSOS PARA A DEFESA EUROPEIA, EQUILÍBRIO TRANSATLÂNTICO E EUROPA GLOBAL

Panta rhei - tudo flui (Heráclito). Mais uma vez, a geopolítica está em transição e uma nova encruzilhada se aproxima. Embora já soubéssemos que a liderança global está além de qualquer país, agora ela parece estar além de qualquer continente - além de uma aliança de dois continentes. Isso significa que a velha verdade estratégica, de que o poder que tem a Europa ao seu lado tem o potencial de dominar o mundo, não se sustenta mais. A Europa não é mais a fazedora de reis. E isso muda muito, para a UE, os EUA e o mundo.

Parece um retorno ao século XIX, exceto que em vez de um “concerto de nações”, estamos assistindo a um “concerto de continentes”. O concerto resultou, em 1815, de intensas consultas diplomáticas com o objetivo de limitar as tensões entre as potências e manter a concorrência pacífica. Com o tempo, no entanto, surgiram confrontos. Resolvidos a princípio com meios militares “limitados”, que acabaram levando ao cataclismo da Primeira Guerra Mundial. Hoje, novamente, várias grandes potências não distinguem mais entre competição e confronto, e usam meios militares (muitas vezes como parte de uma abordagem híbrida) para adquirir influência e até mesmo território.

Num momento em que enfrentamos desafios globais, como a crise climática, isso é muito míope. Embora o último não seja o tema deste artigo, é óbvio que uma política climática global e uma política global de paz e segurança caminham juntas. Ambos são de natureza existencial.

Dado que o “concerto dos continentes” mostra pouca harmonia, devemos numa primeira fase aspirar a uma política de paz e segurança a nível continental. Para a Europa, isso significa antes de mais nada, que a UE pode então entrar em parceria com outros atores de dimensões continentais, principalmente os Estados Unidos. Mas a política de segurança da América não se concentra mais principalmente na Europa, portanto, uma nova relação transatlântica é necessária, entre dois atores iguais e autônomos dentro do “concerto dos continentes”.

Este documento irá propor sete recomendações para construir uma verdadeira defesa europeia e um equilíbrio transatlântico que transcenda o diálogo existente no seio da NATO, ao mesmo tempo que elimina os obstáculos conhecidos neste caminho.

O fato de que sete décadas após a Segunda Guerra Mundial ainda lutamos com essa questão é o resultado de dois delírios tenazes, que consciente ou inconscientemente estão sendo mantidos em ambos os lados do Atlântico. Em primeiro lugar, a ideia de que a defesa não está no DNA da UE. Em segundo lugar, a existência da NATO não deixa espaço para uma política de defesa da UE. Ambos os preconceitos devem ser absolutamente superados, a fim de manter uma cooperação transatlântica duradoura e permitir que a UE concretize as suas ambições políticas.



[Ver artigo completo](#)



ENERGIA GEOTÉRMICA



[Ver mais](#)

A geotérmica é barata, confiável e renovável, fornecendo aquecimento, produção de eletricidade e refrigeração, mas a Europa nunca realizou totalmente o seu potencial. A energia geotérmica em grande escala há muito é restrita a áreas vulcânicas onde o calor pode ser facilmente capturado e transformado em eletricidade. Hoje, avanços em técnicas de perfuração estão abrindo novos horizontes, oferecendo a perspectiva de “geotérmica em qualquer lugar”.

Neste relatório especial, EURACTIV analisa os mais recentes desenvolvimentos em tecnologia geotérmica e os desafios restantes que precisam ser enfrentados antes de se tornar uma fonte barata e confiável de energia renovável.



A próxima revolução na energia verde está vindo bem debaixo de nossos pés



Indústria: energia geotérmica requer soluções políticas europeias



A tecnologia de 'loop fechado' traz a promessa de geotérmica em qualquer lugar



'Sol sob nossos pés': as cidades europeias transformando-se em geotérmicas



A Transição de Energia e a Busca pela Besta Mítica da Perfeição



UMA ESTRATÉGIA DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PARA A NATO

[Ver mais](#)

Não é necessário ir muito longe para ver como a Inteligência Artificial (IA) - a capacidade das máquinas para realizar tarefas que normalmente requerem inteligência humana - está a transformar o ambiente de segurança internacional em que a NATO opera. Devido à sua natureza transversal, a IA apresentará um amplo conjunto de desafios de segurança internacional, afetando tanto as capacidades militares tradicionais quanto o reino das ameaças híbridas, e também fornecerá novas oportunidades para respondê-las. A IA terá um impacto em todas as tarefas centrais da NATO de defesa coletiva, gestão de crises e segurança cooperativa.



ESTRATÉGIA DE DEFESA NACIONAL PARA O ESPAÇO 2020 | 2030

[Ver mais](#)

O Ministro João Gomes Cravinho abriu dia 26 de outubro, no Forte de São Julião da Barra, em Oeiras, a 1ª edição das Jornadas da Defesa Nacional sobre o Espaço, evento que junta ao longo de dois dias várias entidades nacionais e internacionais, tendo em vista o debate e reflexão sobre o papel da Defesa nos desafios que se colocam no domínio do Espaço.



Estratégia da Defesa Nacional para o espaço 2020-2030



DÉCADA DIGITAL E AUTONOMIA DA EUROPA

[Ver mais](#)

Este é um momento crítico para a Política Digital Europeia. Em março de 2021, a Comissão apresentou a Bússola Digital da Europa, que expõe as ambições para uma transformação digital bem-sucedida da Europa até 2030. Este plano é fundamental para alcançar a transição para uma economia neutra para o clima, circular e resiliente e destaca a ambição da Europa de ser digitalmente soberano em um mundo aberto e interconectado e para buscar políticas digitais que capacitem pessoas e empresas a aproveitar um futuro digital centrado no ser humano, sustentável e mais próspero. O plano envolve quatro pontos

cardais: 1) cidadãos digitalmente qualificados e profissionais digitais altamente qualificados; 2) infraestruturas digitais seguras, eficientes e sustentáveis; 3) transformação digital de negócios; 4) digitalização de serviços públicos. Ele propõe metas digitais ambiciosas em cada área. A comunicação segue o discurso do Presidente von der Leyen para fazer dos anos seguintes a “Década Digital” da Europa, responde ao Conselho Europeu para uma Bússola Digital e baseia-se na estratégia digital da Comissão de fevereiro de 2020. Mais recentemente, o Programa de Políticas “Caminho para o Digital Década” apresentada em setembro de 2021 durante o discurso do Estado da União, visa complementar, cumprir e implementar a visão, metas e ações do Compasso Digital, que se propõe a se engajar em um mecanismo de cooperação anual com os Estados Membros para apoiá-los no cumprimento das metas estabelecidas para 2030.

Este estudo sobre “A década digital e a autonomia da Europa” visa fornecer uma opinião de especialistas independentes e uma avaliação das metas para 2030 definidas pela “Bússola Digital” e pela Estratégia Digital geral da Comissão. Este documento foi fornecido pelo Departamento de Políticas Económicas, Científicas e de Qualidade de Vida a pedido do Comité de Indústria, Pesquisa e Energia (ITRE) para estabelecer uma visão objetiva sobre o progresso feito nos últimos anos, as ações em andamento e as adequação das medidas futuras a serem tomadas.



Num verão de 2021, repleto de reviravoltas estratégicas, assistimos à partida, sem consulta, nem com triunfo, das últimas forças da Aliança Atlântica ainda presentes no Afeganistão. Também vimos a constituição, no próprio dia da publicação da "Estratégia para a Cooperação no Indo-Pacífico" da UE, de uma aliança tripartida entre os Estados Unidos, Austrália e Grã-Bretanha sem qualquer comunicação com a União Europeia. Em seguida, eclodiu uma crise diplomática de magnitude nunca vista desde 2003 entre Paris e Washington, desencadeada pela quebra do contrato para o fornecimento de submarinos de ataque da França à Austrália. Vindos em rápida sucessão, estes três eventos deram uma nova vida ao debate sobre a "autonomia estratégica" da Europa, que parecia ter perdido o fôlego.

No entanto, será esta tripla advertência suficiente para os líderes da UE passarem das palavras aos atos? De Srebrenica às provocadoras declarações de Donald Trump, passando pela anexação da Crimeia e

do Brexit, este não é o primeiro nem o mais crucial momento que a Europa enfrenta com o desafio de estabelecer "um nível adequado" de autonomia estratégica. Quantas vezes os Estados-Membros da UE prometeram fazê-lo?

Uma dificuldade é que a relação que os líderes da UE têm com o conceito de autonomia estratégica é tão ambígua quanto a relação entre os dois protagonistas daquele filme de Luis Buñuel de 1977, "Aquele Objeto Obscuro de Desejo". No filme, Mathieu, um francês de meia idade mergulhado na tradição tenta seduzir Conchita, uma dançarina de flamenco com uma personalidade tão enigmática que o mestre espanhol teve que usar duas atrizes diferentes para fazer seu papel. Em outras palavras, em vez de sacudir sabres de madeira, soltar os tagarelas e lançar declarações grandiosas - e confusas - é necessário concordar nos conceitos.

Quando falamos em "autonomia estratégica", o que realmente queremos dizer? Trata-se da capacidade dos países europeus de administrar crises em sua vizinhança imediata da forma como a França e o Reino Unido a previram em 1998, no rescaldo das guerras iugoslavas, ou seja, uma forma de autonomia que não só é aceitável, mas muito apoiada pela Washington? É esta a forma estendida um tanto elusiva de autonomia retratada na Estratégia Global da UE de 2016, ou seja, uma forma de autonomia que beira a independência militar, uma perspectiva que tanto aterrorizou a Europa Oriental, bem como alguns outros? É esta a evasiva "autonomia abrangente", um conceito que sucedeu ao da autonomia estendida e significa nada mais do que autonomia em letras grandes, ou em uma palavra: independência? Por que a perspectiva de autonomia estratégica é tão atraente, a ponto de se tornar um objeto (obscuro) de desejo? Agora que a autonomia estratégica está na agenda política há tanto tempo, como pode se tornar realidade?

25TH EUROPEAN FORUM
5 NOVEMBER • 09:30 - 14:30 CET

[Registro Online](#) [Ver mais](#)

25th European Forum
The Future of European Security and Defence Policy
5 NOVEMBER
09:30 - 14:30 CET

IAIES
AUSTRIAN INSTITUTE FOR EUROPEAN AND SECURITY POLICY
Celebrating 25 YEARS

[Programa](#)



A eleição de Joseph Biden como Presidente dos EUA levou a falar de um reinício das relações transatlânticas. Este é o amanhecer de uma nova era em que os EUA estão mais envolvidos na NATO, os europeus estão mais envolvidos na sua segurança com projectos como o PeSCo ou o Fundo Europeu de Defesa que visam desenvolver a sua capacidade militar de forma colectiva. Ao mesmo tempo, a União Europeia começa a dar mostras de abertura, como permitir a adesão de países terceiros ao PeSCo, ou a perspectiva de um acordo entre a Agência Europeia de Defesa e os EUA. A questão era, portanto, descobrir como os EUA e os

países da UE poderiam melhorar sua cooperação em defesa num clima favorável à reaproximação transatlântica. Este documento de política fará primeiro uma avaliação da cooperação transatlântica desde o início dos anos 1960. Do F-16 ao F-35, incluindo o MLRS ou o MIDS-LVT, esses projetos nos ensinam lições valiosas, especialmente porque as estruturas políticas regulatórias e econômicas em que ocorreram quase não mudaram desde o início dos anos 60. A tecnologia, no entanto, deu um salto em frente. Tornou-se um fator de integração, devido à digitalização, mas uma maior integração dos sistemas de armas pode ser restringida por uma estrutura regulatória inadequada. A este nível, surgem vários factores que interferem na cooperação entre os EUA e a UE: a falta de reciprocidade na abertura do mercado americano e dos mercados europeus, a fragmentação da DTIB europeia e dos mercados europeus enquanto o mercado americano é unificada, a legislação americana sobre controle de exportação baseada no princípio da extraterritorialidade da lei americana que impede qualquer igualdade de condições para a transferência de tecnologia e exportação de armas. Terão de ser feitos esforços para levantar essas barreiras de modo a favorecer uma cooperação transatlântica renovada desejada por todos nos dois lados do Atlântico, mas também será importante considerar as lições aprendidas com o passado, que nos diz quais os projectos que podem ser implementados. um quadro transatlântico, bem como aqueles que devem ser evitados por falta de interesse por eles de ambas as partes.

PROGRAMA DE TRABALHO DA COMISSÃO EUROPEIA PARA 2022

COMMISSION WORK
PROGRAMME
2022PROGRAMA DE TRABALHO PARA 2022
Tornar a Europa mais forte em conjunto

Ver mais

A Comissão adotou no dia 19 de outubro o seu programa de trabalho para 2022 que define as próximas etapas da sua agenda ambiciosa e transformadora rumo a uma Europa pós-COVID-19 mais ecológica, mais justa, mais digital e mais resiliente. O programa de trabalho da Comissão contém 42 novas iniciativas estratégicas no quadro das seis principais ambições estabelecidas pela presidente **von der Leyen** nas suas orientações políticas, dando seguimento ao seu discurso sobre o estado da União de 2021. Reflete igualmente os ensinamentos retirados da crise sem precedentes provocada pela pandemia, prestando especial atenção à nossa geração jovem graças à proposta de Ano Europeu da Juventude 2022.

Execução das seis principais ambições: Pacto Ecológico Europeu; Uma Europa preparada para a era digital; Uma economia ao serviço das pessoas; Uma Europa mais forte no mundo; Promoção do modo de vida europeu; Um novo impulso para a democracia europeia



Programa de Trabalho para 2022



Programa de Trabalho para 2022 – Anexos



Explicando o Programa de Trabalho da Comissão



Programa de Trabalho para 2022 – Factsheet



Orientações políticas Comissão para 2019-2024



Discurso sobre o Estado da União 2021



Ano Europeu da Juventude 2022



PORTAL EUROPEU DA JUVENTUDE

'GLOBAL BRETANHA 'E' EUROPA DE DEFESA'
Perspectivas, desafios e oportunidades

Ver mais

Desde o referendo para deixar a União Europeia (UE) em 2016, o Reino Unido (RU) tem repensado o seu papel nos assuntos mundiais. Sob a bandeira da 'Grã-Bretanha Global', o Reino Unido vê-se como uma força do multilateralismo, uma forte potência militar com presença e alcance globais e um forte pilar da aliança transatlântica. A reflexão sobre as implicações da 'Grã-Bretanha Global' para a futura política externa, de segurança e defesa do Reino Unido resultou em dois documentos estratégicos, a Revisão Integrada e o Documento do Comando de Defesa, que delineiam as prioridades políticas e a visão estratégica do governo. Embora a UE, enquanto tal, esteja em grande medida ausente destes documentos estratégicos, existem implicações a ter em consideração, especialmente porque a UE deu passos significativos no sentido da defesa e da integração militar e continua a aprofundar as suas relações com a NATO. Embora a política externa, de segurança e defesa tenha sido excluída das negociações formais de uma nova parceria UE-Reino Unido, a pedido do governo britânico, parece que as posições da política externa da UE e do Reino Unido, considerações estratégicas e interesses de segurança permanecem amplamente alinhados. Vários especialistas, portanto, argumentam que vale a pena considerar opções para compromissos flexíveis e para cultivar um novo relacionamento por meio de outros fóruns multilaterais, bilaterais e internacionais comuns.

NATO LANÇA ESTRATÉGIA INÉDITA PARA
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Resumo

Na quinta-feira (21 de outubro de 2021), os Ministros da Defesa da OTAN concordaram com a primeira estratégia da OTAN para Inteligência Artificial (IA).

A estratégia descreve como a IA pode ser aplicada à defesa e segurança de forma protegida e ética. Como tal, estabelece padrões de uso responsável de tecnologias de IA, de acordo com o direito internacional e os valores da NATO. Ela também aborda as ameaças representadas pelo uso de IA por adversários e como estabelecer uma cooperação confiável com a comunidade de inovação em IA.

A Inteligência Artificial é uma das sete áreas tecnológicas que os Aliados da NATO priorizaram pela sua relevância para a defesa e segurança. Isso inclui tecnologias habilitadas para quantum, dados e computação, autonomia, biotecnologia e aprimoramentos humanos, tecnologias hipersônicas e espaço. De todas essas tecnologias de uso duplo, a Inteligência Artificial é conhecida por ser a mais difundida, especialmente quando combinada com outras como big data, autonomia ou biotecnologia. Para enfrentar este desafio complexo, os Ministros da Defesa da NATO também aprovaram a primeira política da NATO sobre exploração de dados.

Serão desenvolvidas estratégias individuais para todas as áreas prioritárias, seguindo a mesma abordagem ética adotada para a Inteligência Artificial.

SUGESTÕES DE LEITURA EURODEFENSE



O Anuário de Segurança Europeia de 2021 fornece uma visão geral dos eventos em 2020 que foram significativos para a segurança europeia e traça os principais desenvolvimentos na ação externa e na política de segurança e defesa da UE. O Anuário de Segurança Europeia de 2021 contém seções específicas por região e questões, cronogramas dos principais eventos, listas dos principais documentos da UE, trechos de publicações relevantes do EUISS e um índice. Este ano, o livro contém uma seção específica sobre os esforços multilaterais da UE e a resposta à pandemia Covid-19. A crise de saúde também aparece com destaque nas seções geográficas do livro, juntamente com imagens que ilustram o impacto da crise em países e regiões específicas.

O sistema energético da UE está num caminho de transformação que deverá permitir atingir o objetivo de zero emissões líquidas até 2050. No entanto, existem muitos desafios pela frente e o cumprimento deste objetivo exige profundas mudanças estruturais. Neste contexto, o presente relatório, elaborado a pedido da Comissão da Indústria, da Investigação e da Energia (ITRE) do Parlamento Europeu, analisa quais as consequências se a UE não tomasse mais medidas ambiciosas e unidas na transformação da seu sistema de energia. O **custo da não-Europa nesta área é estimado em 5,6% do PIB da UE em 2050** e, para evitar isso, serão necessárias ações orçamentais, regulamentares e de coordenação da UE. Os benefícios seriam muitos, incluindo custos e danos ambientais evitados, e sociedades mais sustentáveis e prósperas emergindo como resultado de uma transição justa



À medida que os Estados-Membros se deparam com ameaças à segurança cada vez mais complexas, surgiu um ímpeto para impulsionar as iniciativas da UE que correspondessem ao nível de ambição da União em matéria de defesa. Um processo que visa trazer clareza, orientação e incentivos para a conclusão da política comum de segurança e defesa, a Bússola Estratégica é uma inovação na União Europeia. Lançado em 2020, o desenvolvimento da Bússola Estratégica envolve uma reflexão estratégica complexa, análise de ameaças e diálogo estratégico entre os Estados-Membros. Está estruturado em torno de quatro cestas temáticas interligadas: gestão de crises, capacidades de defesa, resiliência e parcerias.



Publicado pelo Serviço de Investigação, destina-se a fornecer factos e números importantes sobre o Parlamento Europeu. Analisa a atual legislatura (Jul2019-Jun2024) e os oito mandatos anteriores de cinco anos desde que as eleições diretas foram introduzidas (Jun1979). Inclui gráficos de vários tipos que: detalham a composição do Parlamento Europeu agora e no passado; rastrear o aumento do número de partidos representados no PE e a evolução dos grupos políticos; mostrar a idade dos deputados e traçar o aumento do número de mulheres com assento no Parlamento; e muito mais



Austrália-Reino Unido-Estados Unidos (AUKUS) é uma oportunidade para a Europa impulsionar o tão debatido conceito de “autonomia estratégica” e fortalecer a segurança e defesa europeias. Os EUA e a Europa têm percepções de ameaça notavelmente diferentes sobre a China, com a Europa relutante em se envolver na “competição sistémica” EUA-China, pois equilibra os benefícios económicos com as preocupações com a segurança nacional. Aqui, AUKUS é um sinal de que os EUA não estão dispostos a esperar por uma mudança nas percepções europeias. A inclusão do RU sobre a França no agrupamento AUKUS talvez seja justificada pela pegada geoestratégica significativa da Grã-Bretanha na Europa e globalmente, como um dos cinco maiores gastadores militares do mundo.



As empresas chinesas culpam a “desinformação” pelo difícil clima político na EU.

O comércio entre a UE e a China enfrenta questões políticas à medida que as tensões globais aumentam e as medidas de mitigação das alterações climáticas estão destinadas a influenciar os padrões de produção e comércio. Ao mesmo tempo, os desenvolvimentos económicos na China e na Europa parecem altamente incertos. Este relatório se propõe a lidar com vários desses tópicos.

DESTAQUES EURODEFENSE JOVEM-PORTUGAL

Outubro foi um mês preenchido para a EuroDefense Jovem. Para além da habitual publicação das Reflexões EDJ, que este mês incidiram sobre o Terrorismo e o Impacto das Organizações Internacionais (autoria de Catarina Silva, colaboradora da EDJ) e sobre as Nações Unidas e a evolução dos conflitos (autoria de Marta Vera-Cruz, associada da EDJ), foi também mês de Tertúlias EDJ. A primeira, no dia 13/10, com a participação do Diretor do Centro Nacional de Cibersegurança, o Engenheiro Lino Santos, incidiu sobre a Segurança do Ciberespaço Europeu, visto que Outubro é o mês europeu da cibersegurança. A segunda, no dia 27/10, contou com a presença do Secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros e Cooperação, Dr.

Francisco André, e incidiu sobre a Política Externa Europeia, mais concretamente sobre a Política Comum de Segurança e Defesa e todas as dinâmicas com estas relacionadas.

Ademais, a EDJ avançou com uma das novas iniciativas, o 'Diário da União Europeia', em formato podcast/vídeo, um apanhado quinzenal de todas as decisões/medidas/iniciativas tomadas pelo Parlamento, Comissão, Conselho da União Europeia e Conselho Europeu, Serviço de Ação Externa e Agência Europeia de Defesa. No dia 27/10 foi também anunciado uma das apostas da EDJ para o presente ano letivo: os Workshops&Cursos. O primeiro, a realizar-se entre os dias 2 e 4 de novembro, versará sobre as Metodologias de Investigação Científica e contará com a presença do Professor Doutor Francisco Proença Garcia, um conceituado académico e Associado da EuroDefense-Portugal.



O Scorecard Económico de 2021: como a China se compara aos EUA e aos seus aliados

Era uma vez, a narrativa dominante sobre a ascensão da China era mais ou menos assim: O que costumava ser um país preso num pântano económico estatal, graças à adoção de reformas de mercado aberto, saiu do pacote - colocando-o no caminho certo para eventualmente convergir com as maiores economias do mundo. A China poderia tornar-se um desafiador geopolítico dos Estados Unidos e dos seus aliados, dizia a narrativa, mas comercialmente ambas as potências jogariam cada vez mais o mesmo jogo. A história que nós, no mundo capitalista, contamos a nós mesmos foi talvez até

reconfortante: no plano económico, pelo menos, o que a China realmente queria era ser mais parecido connosco. Mas então a China aparentemente mudou de curso. Nos últimos anos, um Xi Jinping cada vez mais poderoso reafirmou o papel do Estado na economia. A nova direção de Pequim não era mais tão clara - ou reconfortante. No meio dessa incerteza, uma contra-narrativa nasceu: a pretensa liberalização económica da China sempre foi uma ilusão, destinada a fazer com que os ingénuos Estados Unidos dessem passe livre a Pequim enquanto reunia forças para se tornar uma superpotência. Ambas as narrativas estão erradas. Com a China, a história nunca é tão simples. A verdade é que a China ainda não decidiu que direção tomará a sua economia. E precisamos de uma maneira confiável de rastrear a sua trajetória.

-  [A Grande História](#)
-  [China Pathfinder: Annual Scorecard](#)
-  [China Pathfinder: Annual Scorecard—Relatório](#)

